

SHE LIKES YELLOW AND GREEN: **PRÁTICAS INCLUSIVAS NA AULA DE INGLÊS**

**SHE LIKES YELLOW AND GREEN:
INCLUSIVE PRACTICES IN THE ENGLISH CLASS**

Eliene de Souza Paulino¹

RESUMO: O presente relato de experiência reúne temáticas do ensino de língua inglesa na escola pública sob o prisma da decolonialidade e trata de questões relacionadas à inclusão, na experiência docente com uma estudante autista, estudantes com síndrome de *down* e um estudante com paralisia cerebral matriculados no 7º ano do Ensino Fundamental. Falar sobre ensino de línguas no Brasil perpassa a observação das relações entre língua e poder e questões de raça e inclusão, no combate da perpetuação de um modelo colonialista de ensino. Com base em Mattos (2015), o relato aponta a necessidade de se evidenciar diferentes formas de inserção social na era contemporânea, possibilitadas pela atuação crítica e engajada do cidadão e, neste caso, do estudante. A valorização do diferente e o respeito pelo outro são ações fundamentais para a transformação cidadã, visto que educar para a cidadania é acolher e promover a inclusão social (MATTOS, 2015). O trabalho exemplifica e detalha ações cotidianas de atividades na aula de inglês com a participação de todos os estudantes da turma, reiterando a noção de que alterar o ambiente da sala de aula, com inserções e adaptações para que todos dela participem, é uma atitude ousada, mas possível (MANTOAN, 2017).

Palavras-chave: Ensino de Inglês; Inclusão; Decolonialidade; Educar para a Cidadania.

ABSTRACT: This experience report discusses English language teaching in public schools from a decolonial perspective and addresses issues related to inclusion. Specifically, it focuses on the teaching experience with an autistic student, students with Down syndrome, and a student with cerebral palsy who are enrolled in the 7th grade of elementary school. Discussing language education in Brazil involves observing the relationships between language and power, race, and inclusion, to counteract the perpetuation of a colonialist model of education. Based on Mattos (2015), the report emphasizes the importance of highlighting various forms of social inclusion in the modern era, which are achievable through the critical and engaged actions of citizens and, in this instance, students. Educating for citizenship involves valuing diversity and promoting social inclusion (MATTOS, 2015). The work exemplifies and details daily activities in the English class with the participation of all students, reaffirming the notion that modifying the classroom environment with insertions and adaptations for everyone to participate is a bold but possible step (MANTOAN, 2017).

Keywords: English Teaching; Inclusion; Decoloniality; Education for Citizenship

O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA, DECOLONIALIDADE E INCLUSÃO: PALAVRAS INICIAIS

O presente relato apresenta questões relacionadas ao ensino de língua inglesa como prática social e baseia-se na experiência de uma professora no contexto da escola pública

¹ Eliene de Souza Paulino, Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora de Língua Inglesa do Colégio de Aplicação, Centro Pedagógico da UFMG, elienesouzapaulino@gmail.com.



federal e o atendimento a estudantes público-alvo da educação especial matriculados no 7º ano do Ensino Fundamental. Para iniciar esta análise, pondero aspectos relacionados ao ensino da segunda língua imbricado ao prisma social e à cultura, tanto daqueles países cuja língua inglesa é tida como língua oficial, como também da cultura do estudante e da construção de uma identidade coletiva crítica nas aulas de inglês.

Falar sobre o ensino de línguas no Brasil perpassa a observação das relações entre língua e poder e questões de raça e inclusão, no combate da perpetuação de um modelo colonialista de ensino. Desse modo, nossas discussões também servem ao propósito de conversar sobre as diferenças entre os povos, ressaltar aspectos relacionados à variação linguística e à desconstrução de estereótipos (LEITE e OLIVEIRA, p. 69, 2021).

Por isso, os estudos da língua inglesa na escola precisam levar à compreensão de que não há uma variante linguística a ser seguida, dado que a língua não pertence aos seus falantes nativos, mas a todos os que usam a língua no dia a dia, abrangendo diferentes formas de falar e ouvir (RAJAGOPALAN, 2009). Para Harmer (2008), os estudantes precisam de oportunidades para terem experiência com os diferentes usos do inglês, compreendendo que há muito mais semelhanças do que diferenças nos usos da língua. Tais noções contribuem para a construção de um ambiente de aprendizado que possibilite indagações e ampliação do conhecimento.

Afora a compreensão do lugar da língua inglesa no Brasil, inspirada em Mattos (2015), aponto a necessidade de se evidenciar as diferentes formas de inserção social na era contemporânea, as quais são possibilitadas pela atuação crítica e engajada do cidadão e, neste caso, do estudante. A valorização do diferente e o respeito pelo outro são ações fundamentais para a transformação cidadã, visto que educar para a cidadania é acolher e promover a inclusão social (MATTOS, 2015). Consciente dessa discussão e visando relações de igualdade, a sala de aula de língua inglesa precisa ser um espaço de conforto, acolhimento e garantia de direitos.

Para Mantoan (2003), os paradigmas da educação brasileira são contestados ao se depararem com a proposta de retrair uma educação escolar inclusiva, marcada pela diversidade humana, a qual se constitui como premissa para compreender o mundo a nossa volta e a si próprio, num caminho em que “uma ruptura de base em sua estrutura organizacional, como propõe a inclusão, é uma saída para que a escola possa fluir, novamente, espalhando sua ação formadora por todos os que dela participam.” (MANTOAN, 2003, p. 12).

Mais de vinte anos depois das afirmações de Mantoan (2003), nos parece ser ainda mais recorrente o convite à transgressão e à descontinuação de padrões ultrapassados e colonialistas na educação, seja pelo crescimento no número de matrículas de estudantes da educação especial e inclusiva, que tem apresentado crescimento no comparativo de dados do Censo Escolar INEP (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2022) e igualmente pelas condições adversas que as escolas e docentes enfrentam para garantir que o direito seja assegurado a esses estudantes.

O ensino da língua inglesa para grupos maiores de estudantes em turmas da educação regular, pressupõe o trabalho com a heterogeneidade, especialmente pelas vivências distintas de cada estudante com a língua, constatada nos modos de falar e compreender. Entretanto, esse espaço passa a ser reconfigurado, igualmente, pela



filosofia da diferença em um projeto inclusivo, ressaltando, inclusive, as habilidades em destaque de alguns estudantes da educação especial que possuem repertório aprimorado para a aprendizagem de línguas, a exemplo de alguns estudantes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista.

Conscientes disso, a aula de língua inglesa passa a ser vista como uma oportunidade de engajamento, promoção de debates, rupturas e criticidade como potencializadora de uma cidadania ativa (LEITE e OLIVEIRA, 2021), a fim de dar voz também aos alunos de inclusão.

CONTEXTUALIZAÇÃO: O ESPAÇO DE APRENDIZAGEM DOCENTE E DISCENTE

Tendo iniciado a docência há mais de vinte anos e estando em diferentes espaços educacionais, observei a transformação da sala de aula e as diferenças no acolhimento de estudantes por instituições públicas e privadas. A transformação a que me refiro se dá, por um lado, pelas mudanças contextuais e temporais, inevitáveis, marcadas pela modernidade, pela tecnologia e pelos recorrentes efeitos da globalização, os quais interferem na vivência e compreensão de mundo dos educandos.

De outro modo, as mudanças surgem a partir do crescimento das matrículas de estudantes com diagnósticos para diferentes doenças ou transtornos, que passa a ter uma porcentagem mais acentuada nas escolas brasileiras. O direito de estudantes serem recebidos em uma classe comum decorre da implementação de políticas públicas e de investimento na formação docente (RODRIGUES, 2022).

Conforme relatado por Caetano (2021), a escola conserva, ao longo dos anos, uma série de costumes e ações que são presumidas socialmente e, mesmo com as mudanças no sistema complexo no qual nos inserimos, observa-se procedimentos outrora estabelecidos. Embasada em Barkhuizen (2017), Caetano (2021), traz uma visão pós-moderna de cultura de sala de aula, sugerindo o investimento em pesquisas transformativas que possam alterar práticas do professor de línguas com vistas à justiça social.

A partir de tais reflexões, lembro-me da escola em que estudei, de como ela se organizava e do meu caminho inicial como professora, marcado por dúvidas e inseguranças em como e o que fazer. Dentre as transformações desses espaços, na minha formação e na minha própria identidade, compreendo a necessidade de sair da rota do colonialismo, promovendo ações que potencializem o pensamento e a inserção social de todos os estudantes (LEITE e OLIVEIRA, 2021).

A partir daí, a necessidade de adotar práticas inclusivas cotidianas torna-se mais presente, com novos modos de ser e agir, dado que a escola precisa ser para todos e não permanecer no itinerário de enaltecimento de alguns, como sublinha Mantoan (2017).

A atuação em um Colégio de Aplicação de Educação Básica, com oferta do Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano em tempo integral² e que tem como compromisso uma Política de Ação Afirmativa em defesa das pessoas com deficiência recebendo

² As aulas acontecem das 7h30 às 14h30.

anualmente cinco por cento das vagas destinadas à estudantes PAEE (público-alvo da educação especial), movimentando ações de docência que visam resguardar o direito a aprendizagem, mesmo com desafios e incômodos. O presente trabalho apresenta, brevemente, a experiência com o ensino de língua inglesa em duas turmas de 7º ano do Ensino Fundamental, composta por estudantes com diferentes diagnósticos, como transtorno do espectro autista, síndrome de *down* e paralisia cerebral.

SHE LIKES YELLOW AND GREEN: EXEMPLIFICAÇÃO DE ATIVIDADES INCLUSIVAS NA AULA DE LÍNGUA INGLESA

Nesta seção, apresento algumas das atividades que foram programadas para turmas de 7º ano do Ensino Fundamental. As atividades foram realizadas com toda a turma, sendo proporcionadas oportunidades de participação de todos.

O tema “*My Body*”, unidade 2 do livro do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de Língua Inglesa, foi escolhido como um dos temas de trabalho para as turmas, com estudantes de, em média, 11 e 12 anos de idade. O tema trouxe discussões acerca do corpo e das habilidades de cada pessoa, com suas distinções. A página inicial da unidade didática apresenta imagens de pessoas realizando diferentes atividades, como a ginástica artística, a luta de capoeira, a dança de rua, o uso da comunicação em libras, e a leitura em braile, dando vistas às diferenças que nossos corpos apresentam na sociedade.

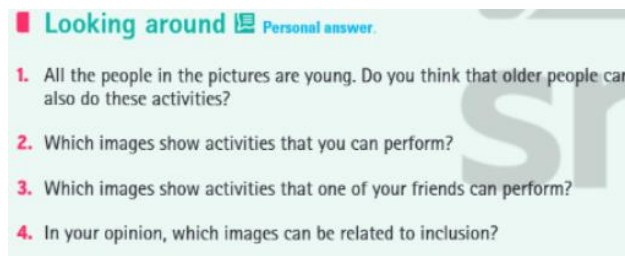
Figura 1. *Talking about the topic.* Imagem do Livro It Fits.

Fonte: Editora SM. Páginas 24 e 25.

Na discussão, conversamos sobre o que cada um consegue fazer, sobre as habilidades dos colegas de sala com dons especiais para esportes, desenho ou música, conversamos sobre os limites de cada um e sobre atividades que poderiam ou não ser

realizadas por pessoas idosas. Depois, conversamos sobre como a inclusão pode ser feita nas diferentes atividades sociais.

Figura 2. *Looking Around.* Imagem do Livro *It Fits*.

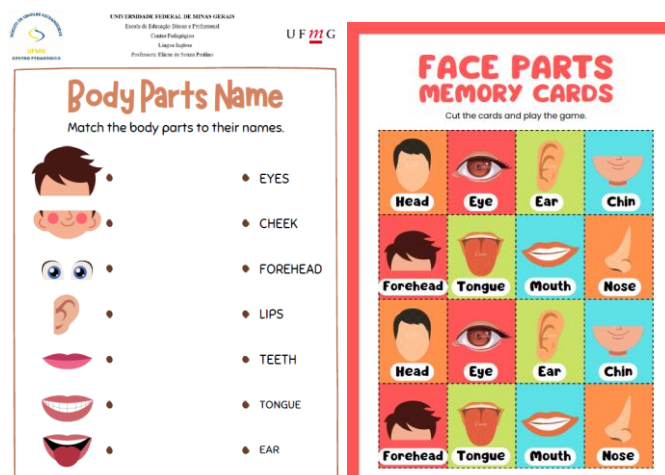


Fonte: Editora SM. Páginas 25.

O uso da música em língua inglesa para iniciarmos as aulas foi uma atividade lúdica escolhida para posicionar estudantes da educação especial em lugar de destaque. Esse momento da aula em todos sabiam que estava direcionado a alguns estudantes, de igual maneira, atendia e atingia a todos os outros. Observei que a música e a dança, que poderia ser considerada mais infantil pelos estudantes pré-adolescentes, era significativa também para eles e gerava proximidade com os estudantes da educação especial. Além disso, era extremamente útil para retomar um vocabulário de palavras e expressões da língua para toda a turma.

A música é uma excelente ferramenta lúdica de aprendizagem, para qualquer idade. No repertório, cantamos e dançamos músicas como *One Little Finger*, *Head, shoulder, knees and Toes* e *Hello, hello! Can you clap your hands*³. O estudante cadeirante, com paralisia cerebral, era transportado para a frente do quadro e tinha a sua cadeira e mãos movimentada pela professora e/ monitores que o acompanhavam durante as músicas enquanto o restante da turma imitava os gestos. Atividades adaptadas como estas foram preparadas com o objetivo de atender a um grupo restrito, mas findava por manter uma participação conjunta nas atividades.

Figura 3. Body Parts Name e Face Parts Memory Cards.



³ Super Simple Songs. <https://www.youtube.com/watch?v=eBVqcTEC3zQ>

Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/669508508/Colorful-Illustrated-Match-the-Body-Parts-Name-Worksheet> e <https://www.teacherspayteachers.com/Product/Face-Parts-Memory-Cards-11122999>

O projeto *Colorful Connections – Black Representation in Advertisement*⁴, que dá vistas ao empoderamento de pessoas negras em papéis de destaque e fomentou a produção de propagandas antirracistas em língua inglesa foi realizado com as turmas. No projeto, estudamos o gênero textual propaganda, pesquisamos as representações de pessoas negras em anúncios no passado e no presente, com apresentações da professora e pesquisas no laboratório de informática pelos estudantes organizados em grupos. Nesse agrupamento, todos os estudantes foram inseridos.

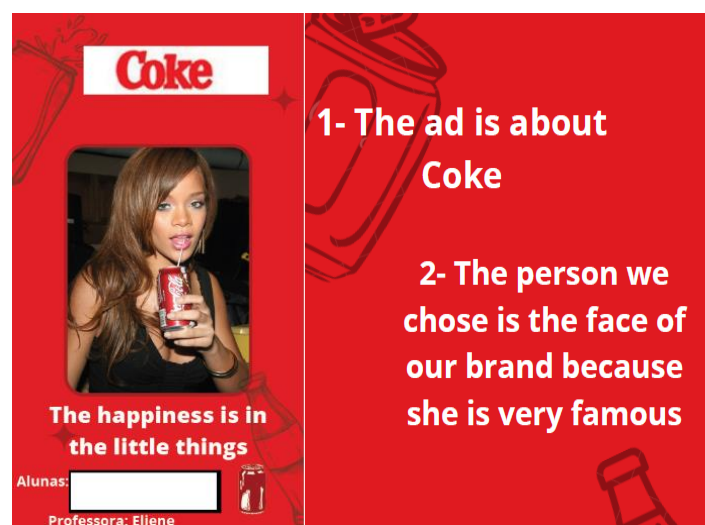
Durante a pesquisa, tanto a professora quanto a estagiária e monitores de turma, procuraram assegurar a participação efetiva dos estudantes da educação especial, os quais sugeriram produtos e atores. No caso dos estudantes com síndrome de *down*, enquanto o restante do grupo montava os slides finais, um jogo *online* com o vocabulário estudado era feito, assegurando a adaptação da atividade e aproveitando os recursos do laboratório para motivá-los.

Para a apresentação oral final em inglês, próprios grupos definiram e organizaram as suas participações e de seus pares. Assim, escolheram falas iniciais (título do trabalho e explicação mais breve) para os estudantes com transtorno do espectro autista (TEA) ou com síndrome de *down* e para estudantes mais tímidos, respeitando as aptidões e cenários mais desafiadores.

Permitir que os próprios estudantes se organizem e tenham atitudes inclusivas, caracteriza-se como um movimento significativo no processo. Os grupos realizaram um trabalho final da criação de uma propaganda com protagonismo negro e apresentaram o resultado para a turma, professores, monitores e estagiários.

Abaixo, a produção final gráfica de um dos grupos, o qual tinha como uma de suas componentes, uma estudante autista.

Figura 4. Propaganda criada pelos estudantes.



Fonte: Acervo da Autora

⁴ Projeto realizado pela professora Eliene de Souza Paulino em todas as turmas de 3º ciclo.

Identificamos na estudante autista uma motivação para realização de caça palavras e atividades com imagens. Dessa forma, algumas atividades foram substituídas com a adaptação de alguns recursos. Outra adaptação, foi em relação à redução de suas tarefas de casa, considerando que vários atendimentos terapêuticos são feitos após as aulas.

Figura 5. Advertising and Purposes of Advertisement.

The figure consists of two worksheets. The left worksheet is a word search puzzle titled "advertising" with a grid of letters and a list of terms to find: sound effects, narration, jingle, music, dialogue, slogans, symbols, makeup, costume, setting, colour, gaze, body language, lighting, logo. The right worksheet is titled "Purposes of an advertisement" and asks the student to drag the purpose of each advertisement to the correct image. The images include a Band advertisement, a "Drink it to believe it" advertisement, a cleaning service advertisement, a job vacancy advertisement, and a lost dog advertisement. The purposes listed are: To sell a product, To find lost pets, To announce an event, To offer a job, and To offer a service or product.

Disponíveis em: https://wordmint.com/public_puzzles/127215 e <https://br.pinterest.com/pin/374713631510095229/> Acesso em 04 setembro de 2023.

Estudar uma língua adicional perpassa a pesquisa sobre a cultura de diferentes povos que fazem uso desta língua e frequentemente conversamos sobre o “Perigo de uma história Única⁵” e a desconstrução de estereótipos, como escolhas decoloniais na aula de língua. Considerando as diferentes possibilidades de inserções da língua inglesa na escola, os diferentes estímulos para o seu uso cotidiano e as ações de Internacionalização da Educação Básica, uma prática oral foi organizada com as turmas ao convidarmos uma professora nascida nos Estados Unidos, e em imersão na universidade⁶ para participar de uma aula de língua inglesa. Para receber a visita, toda a turma se preparou para realizar uma entrevista e os estudantes público-alvo da educação especial, igualmente, escolheram as perguntas que gostariam de fazer. A desconstrução de estereótipos foi marcada com a visita, especialmente ao tratarmos das preferências da visitante e de sua aparência, que não era condizente com um padrão norte-americano traçado na mídia.

Figura 6. Entrevista com a English Teaching Assistant (ETA).

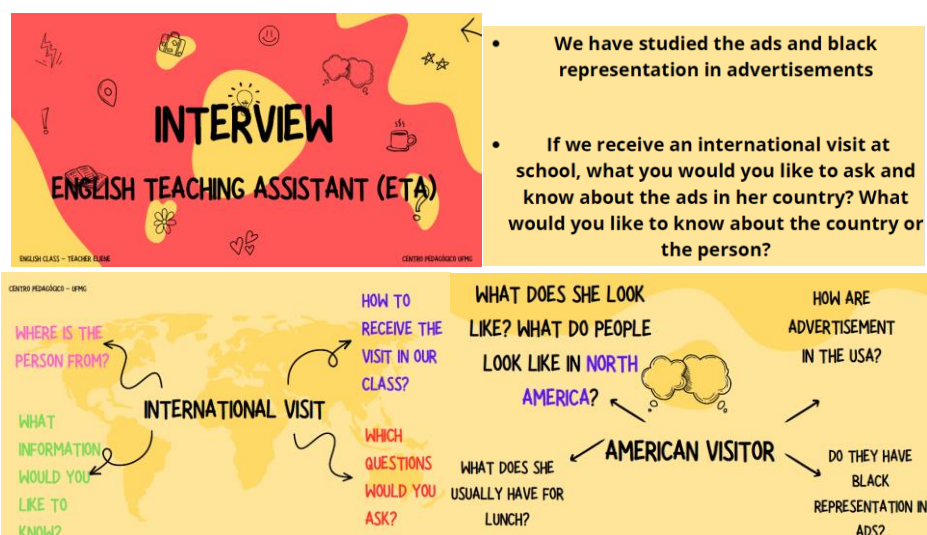
⁵ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Companhia das Letras, 2019.

⁶ *English Teaching Assistant / Fulbright*



Fonte: Acervo da Autora

Figura 7. Slides da Aula em preparação da Entrevista com a professora internacional.



- We have studied the ads and black representation in advertisements
- If we receive an international visit at school, what you would you like to ask and know about the ads in her country? What would you like to know about the country or the person?

HOW TO RECEIVE THE VISIT IN OUR CLASS?

WHERE IS THE PERSON FROM?

WHAT INFORMATION WOULD YOU LIKE TO KNOW?

INTERNATIONAL VISIT

AMERICAN VISITOR

WHAT DOES SHE LOOK LIKE? WHAT DO PEOPLE LOOK LIKE IN NORTH AMERICA?

WHAT DOES SHE USUALLY HAVE FOR LUNCH?

HOW ARE ADVERTISEMENT IN THE USA?

DO THEY HAVE BLACK REPRESENTATION IN ADS?

WHICH QUESTIONS WOULD YOU ASK?

Fonte: Acervo da Autora

Destaco aqui o envolvimento da estudante autista supracitada nas interações da aula. Embora não costume ter iniciativa para a interação, a adolescente comunica-se bem na língua, respondendo perguntas destinadas a ela em inglês e respondendo nesta língua. Houve situações em que a turma não respondeu as indagações da professora, mas que a estudante formulou a resposta corretamente em inglês.

Para a entrevista, estudantes escolheram perguntas como, “*Do you see black representation in advertising in the USA?*” ou “*Why did you come to Brazil?*”. A estudante autista, decidiu perguntar: “*What’s your favorite color?*”, e tempos depois da aula ainda era capaz de lembrar da resposta da convidada: ‘*She likes yellow and green*’. Já um estudante com síndrome de *down*, decidiu perguntar “*Do you go to the shopping mall? Do you like sandwich?*”, possivelmente por ser uma atividade de lazer de seu agrado. Por fim, procurou garantir uma foto com a professora internacional.

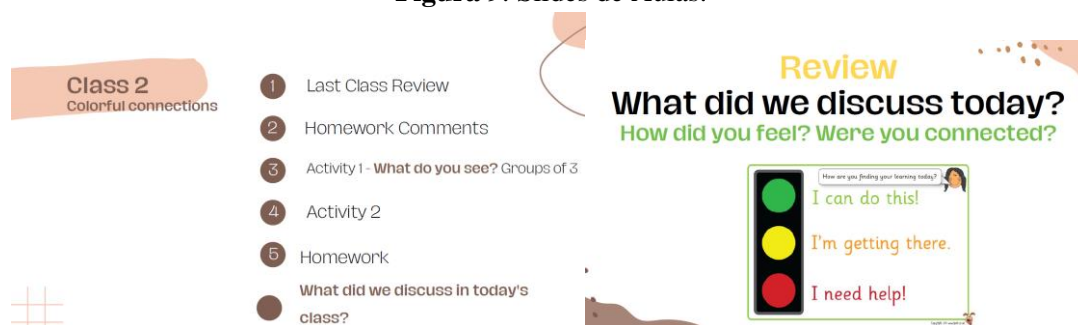
Figura 8. Professora, estudante da educação especial e Professora Convidada.



Fonte: Acervo da Autora

As aulas de língua inglesa começam sempre com uma revisão da aula anterior e com a exposição das tarefas do dia, a fim de assegurar que os estudantes comecem a se envolver no assunto.

Figura 9. Slides de Aulas.



Fonte: Acervo da Autora

Ao final das aulas, costumo retomar o que fizemos e pedir que cada um sinalize para si mesmo o que foi capaz de fazer, considerando que todos temos nossas preferências e limitações. Tenho dois combinados com as turmas constantemente lembrados: *Believe in yourself* e *Do your best everyday*. Acreditar que somos capazes é o primeiro passo para conseguirmos nos desenvolver. Como professora, invisto em ajudar meus estudantes a acreditar nas suas potencialidades e a trabalhar com empenho para novas conquistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O aprender e o ensinar, sob o entendimento da diferença de todos nós, redefinem o que se propõe como educação escolar em nossos dias.
(MANTOAN, 2017, p. 43)

O intenso trabalho com a inclusão em nossa escola possibilita que alunos de uma mesma turma tenham comportamentos respeitosos durante apresentações orais ou em meio a intervenções nas aulas de estudantes da educação especial em busca da autorregulação. Não é pouco comum termos um momento de espera maior para que um estudante se posicione e organize a sua fala, ou que os próprios colegas ofereçam suporte a um estudante ao direcionar sua atenção para a aula.

Educar para a cidadania é encorajar atitudes de respeito e empoderamento de todos. Concluo relatando a escolha de representantes de turma de uma das salas mencionadas neste relato. Cerca de dez estudantes se inscreveram para representação de turma, incluindo uma estudante autista. Duas pessoas seriam escolhidas, representante e vice. De forma surpreendente e instigante, a estudante autista foi a segunda mais votada e tornou-se a vice-líder. A decisão de possibilitar que a estudante esteja em um lugar de destaque, autonomia e afirmação, reitera que a inclusão implica na mudança de paradigmas (MANTOAN, 2003).

No início da minha carreira eu não tinha claro o que e como fazer. Anos depois, descobri que não terei essa resposta, visto que são necessárias elaborações e reelaborações constantes. A educação é nova diariamente e o desafio de pensar em processos de ensino para todos também.

Por fim, uso a reflexão de Rousseau (apud MATTOS, 2015), a fim de realçar a necessidade de respeitar o direito do outro de modo a termos igualmente os nossos direitos respeitados, associando direito e dever, interesse pessoal e bem comum. Alterar o ambiente da sala de aula de inglês, com inserções e adaptações é compreender que “recriar o processo educativo vigente em nossas escolas, nas suas salas de aula, no ensino comum e na formação de professores, é um projeto ambicioso, mas possível.” (MANTOAN, 2017, p. 42).

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BARKHUIZEN, G. (Ed.). **Reflections on language Teacher identity research**. New York and London: Routledge, 2017.

CAETANO, E. A. (Org.). **Pós-memória e decolonialidade no ensino de línguas no Brasil**: As origens do status quo. São Paulo: Pedro João Editores, 2021.

EDIÇÕES SM. **It Fits: Inglês. v.7. 2. ed.** São Paulo: Edições SM, 2015.

HARMER, J. **How to teach English**. Harlow: Oxford University Press, 2008.



LEITE, P. M. C. C., OLIVEIRA, F. S. Língua, cultura e discurso em debate na formação inicial de professores em letras/inglês. In: CAETANO, E. A. (Org.). **Pós-Memória e decolonialidade no ensino de línguas no Brasil: as origens do status quo**. São Paulo: Pedro e João Editores, 2021. p. 67-96.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Editora Moderna, 2003.

_____. M. T. E. **Inclusão, diferença e deficiência: sentidos, deslocamentos, proposições**. v. 10, n. 2. Brasília: Inclusão Social, 2017.

MATTOS, A. M. A. **Ensino de inglês como língua estrangeira na escola pública: letramentos, globalização e cidadania**. Jundiaí: Paco, 2015.

RAJAGOPALAN, K. O inglês como língua internacional na prática docente. In: LIMA, D. C. **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 39-46.

RODRIGUES, M. P. **Evolução das matrículas de educação especial na educação infantil, fundamental e médio entre os anos de 2009 a 2020 no Brasil**. Research, Society and Development v. 11, n.1, 2022. p. 1-9.

TODOS PELA EDUCAÇÃO (TPE). **Educação Já!: Educação Inclusiva. Recomendações de políticas de educação inclusiva para governos estaduais e federal**. Agosto de 2022. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/08/educacao-ja-2022-educacao-inclusiva.pdf> Acesso em 18 março 2024.